

---

## Experiências olfativas da cidade para o pedestre

**David Le Breton**

Tradutor: Juliana Caruso e Tiago Hyra Rodrigues

---



### Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/pontourbe/9937>

DOI: 10.4000/pontourbe.9937

ISSN: 1981-3341

### Editora

Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo

## REFÊRENCIA ELETRÓNICA

David Le Breton, « **Experiências olfativas da cidade para o pedestre** », *Ponto Urbe* [Online], 27 | 2020, posto online no dia 28 dezembro 2020, consultado o 30 dezembro 2020. URL : <http://journals.openedition.org/pontourbe/9937> ; DOI : <https://doi.org/10.4000/pontourbe.9937>

---

Este documento foi criado de forma automática no dia 30 dezembro 2020.



This work is licensed under a Creative Commons Attribution 4.0 International License.



---

# Experiências olfativas da cidade para o pedestre<sup>1</sup>

David Le Breton

Tradução : Juliana Caruso e Tiago Hyra Rodrigues

---

## NOTA DO EDITOR

Versão original recebida em / Original Version 28/09/2020

Aceitação / Accepted 10/12/2020

“Sem dúvida, nosso mundo é principal e essencialmente visual; não faríamos um mundo com perfumes ou sons” (Merleau-Ponty, *O visível e o invisível*)

## Flanar a cidade

- 1 Os amantes das cidades lamentam o desaparecimento gradual das peculiaridades que, há apenas vinte anos, distinguiam uma cidade da outra à primeira vista. As mesmas lojas em toda parte, praticamente os mesmos vendedores, os mesmos restaurantes, os mesmos cinemas, o mesmo esmagamento do espaço pelos imperativos da circulação automobilística. Pierre Sansot lamenta, com razão, a padronização das cidades e das paisagens. “Eu acreditava, indo a Brest, me deparar com uma cidade oceânica, ou ao menos litorânea: eu caminhava entre restaurantes de cuscuz, cervejarias alsacianas, *fast foods* e creperias que, por um cúmulo de azar, nem mesmo eram bretãs. Eu estava certo, então, em me maravilhar que, por muito tempo, as coisas permaneçam em seus lugares, mais ou menos semelhantes às imagens que as representavam” (Sansot, 1996: 53). Nós continuamos, ainda assim, a amar as cidades esquecendo a decepção, e mesmo recobrando-a do júbilo de percorrê-las novamente, como se finalmente não deixássemos

jamais de andar numa cidade fantasma mais potente que aquela bem real que percorremos.

- 2 As calçadas são adequadas ao caminhante, mas muito frequentadas. Não são trilhas, elas não retêm nenhuma pegada. Não se pode juntar seu seixo a um marco de pedra, sob pena de ser multado por obstruir a circulação. Os únicos marcos aqui são os sacos plásticos ou as garrafas que se espalham pelo chão de certos lugares. John Muir, o descobridor e o “inventor” do vale de Yosemite, incansável andarilho das regiões inóspitas e que podia se orientar sem mapas por centenas de quilômetros no extremo norte ou por florestas imensas, dizia se perder nos corredores dos hotéis de Nova Iorque. No dia em que procura o Central Park, ele desiste rapidamente, acreditando que jamais o encontrará. “Eu me sentia completamente perdido em meio a estas imensas multidões, ao barulho das ruas e a estes prédios enormes. Muitas vezes disse a mim mesmo que ficaria feliz de explorar esta cidade se, como uma região de colinas e vales selvagens, ela estivesse sem habitantes” (Muir, 2006: 135).
- 3 O flâneur caminha pela cidade como ele o faria numa floresta, aberto para descobertas. Ele “herboriza no asfalto” (Benjamin, 1979: 57), à procura de rostos ou de lugares, em busca de curiosidades pessoais. Ele é o oposto do saboroso personagem de Henri Calet que anda com os olhos grudados na sarjeta procurando moedas perdidas pelos transeuntes, aparentemente o único a encontrá-las e a se felicitar por seus imitadores, nunca encontrando nada, se cansarem e levantarem, enfim, os olhos para o espetáculo das ruas. O flâneur caminha seguindo suas linhas pessoais de canto<sup>2</sup>, suas atrações afetivas regidas pela intuição do momento, pela atmosfera pressentida de um lugar, sempre com a facilidade de voltar atrás ou mudar de direção repentinamente se o caminho que tomou não corresponde às suas expectativas. Ele mantém contato com o gênio dos lugares, e granjeia o favor do gênio seguinte se ultrapassa um limite geográfico que ainda ignora, mas que muda a tonalidade do seu ser. Acontece também dele desaproveitar o gênio de segunda categoria de um lugar que considera angustiante. O caminho seguido não apresenta a mesma distância, nem a mesma paisagem, dependendo do clima afetivo em que é percorrido. O grau de fadiga, de pressa, de disponibilidade torna-os mais ou menos favoráveis. Sua objetividade é sempre filtrada pela atmosfera do momento. É uma apropriação pelo corpo, uma afetividade em ação, nunca uma fisiologia pura, mas uma psicologia, ou melhor, uma geografia afetiva. O flâneur é o artista da cidade, uma espécie de detetive apaixonado que observa os transeuntes como o detalhe das fachadas ou a atmosfera das ruas. Não está à procura de um criminoso, mas de felizes vestígios de vida, de cenas que o comovem ou alegrem, de coisas para contar ou para se lembrar. As pistas que procura não servem senão para deslumbrar o momento. Para Baudelaire, o flâneur é “o príncipe que frui por toda parte o fato de estar incógnito (...) Estar fora de casa e contudo, sentir-se em casa onde quer que se encontre; ver o mundo, estar no centro do mundo e permanecer oculto ao mundo” (Baudelaire, 2010: 22). Ele negligencia os adornos mais evidentes da cidade, não se interessa muito por seus enfeites, mas sim pelo outro lado de seus cenários, pelos transeuntes, por seus rumores, por seus itinerários que implicam sair das calçadas mais frequentadas das ruas comerciais para pegar as travessas, as ruas calmas e silenciosas, das quais ele não sabe ainda que tesouros escondem. “O valor das cidades se mede pelo número de lugares que elas reservam para a improvisação” (Kracauer, 1995: 77). Espaços abertos com suas linhas de fuga que são as ruas, as avenidas, os bulevares, as margens de um rio, os monumentos, os jardins públicos, os terrenos baldios, às vezes

montanhas ou colinas, a proximidade do deserto ou da floresta, praias ou portos. São lugares onde se perder, pois toda cidade é sempre um pouco labiríntica. “Eu estava num café na periferia de Zagrebe, sem pressa, um sifão de vinho branco na minha frente. Assisti a noite cair, uma fábrica se esvaziar, um funeral passar – pés descalços, lenços pretos e cruz de latão. Dois gaios contendiam entre a folhagem de uma tília. Coberto de poeira, uma pimenta roída pela metade na mão direita, ouvi no fundo de mim o dia ruir alegremente como uma falésia. Eu me espreguiçava, puxando ar por litro. Pensei nas proverbiais nove vidas do gato; tive a forte impressão de entrar na segunda” (Bouvier, 1992: 12).

## Sensorialidades urbanas

- 4 A cidade constrói seu próprio cosmos ao se desvincular do resto do mundo, ela apaga as colinas, as florestas, os campos, às vezes até os rios, os pântanos, os lagos, ou os insere em um ambiente remanejado, organizado, seguro de acordo com sua acessibilidade e seus eventuais perigos. Ao caminhar pela rua, o pedestre esquece que percorre fantasmas de matas, de colinas, de vales, se ele anda sobre rochas ou sobre a terra, na asseptização das antigas sensorialidades, ele vai de um bairro ao outro sem observar atentamente as diferenças, a não ser na arquitetura ou na atmosfera. Não há mais prados em São Germano dos Prados<sup>3</sup>. Nos bairros com grandes conjuntos habitacionais onde toda vegetação foi destruída, as ruas portam nomes de flores num tipo de conjuração, mas elas já não têm mais cheiro. A cidade recompõe o mundo sem preocupação pela paisagem, para dar lugar ao asfalto e ao concreto e, portanto, frequentemente a uma assepsia sensorial. As estações lhe são indiferentes, pois ela fornece um horizonte de artifícios que são perceptíveis apenas pelo frio ou pelo quente, o calor do sol, a neve ou o gelo. As próprias bancas do mercado enganam, pois agora os legumes ou as frutas vêm de todo o mundo ou são mantidos no frio antes de serem vendidos. Agora comemos cerejas enquanto observamos a neve cair pela janela. Na cidade, as estações do ano são mais evidentes na forma como os pedestres se vestem.
- 5 A cidade dá ao transeunte suas próprias cronologias, que são de outra ordem, ela festeja sua urbanidade, não sua ruralidade. Luzes e guirlandas de Natal, fogos de artifício de Ano Novo, aparição de terraços nos cafés aos primeiros sóis da primavera, apresentação de vitrines, mudança das imagens publicitárias segundo os mercados atuais, etc. Celebração da mercadoria e da vida comum, e não das metamorfoses da natureza. As ruas de pedestres são mais favoráveis ao comércio. “A multidão ali se atravanca mais do que flana. Num vazio próximo ao tédio (...). Como podemos aproximar a *flânerie* do *shopping*? A mercadoria, que assume aí o protagonismo, fascina seus fiéis e não descubro neles o olhar amoroso, sonhador, de quem sonha às margens de um rio ou de uma rua habitada pelos séculos, de quem prefere os rostos e a dor e as alegrias do homem aos objetos, por mais raros que sejam” (Sansot, 2000: 227). A animação impera por causa das lojas, das tendas, dos carrosséis, dos cafés, dos monumentos dispersos ou reunidos no espaço, etc. Mas a festa da mercadoria é banal e tende a se tornar estritamente idêntica nas grandes cidades do mundo. Encontramos as mesmas marcas, os mesmos *fast foods*, os mesmos filmes, e ouvimos as mesmas músicas. Sentimos os mesmos odores industriais da fabricação de comida, ainda que cheiros mais específicos se misturem a eles às vezes.

- 6 A relação do homem que caminha com a cidade, com suas ruas, com seus bairros, quer ele já os conheça ou os descubra enquanto anda, é, antes de tudo, uma relação afetiva e uma experiência corporal. Um fundo sonoro e visual acompanha sua caminhada, sua pele registra as flutuações de temperatura e reage ao contato com objetos ou com o espaço. Ele atravessa camadas de odores dolorosos ou felizes. Esta trama sensorial dá à jornada pelas ruas uma tonalidade aprazível ou desagradável, dependendo das circunstâncias. A experiência da caminhada urbana envolve o corpo inteiro, é um acionamento constante do sentido e dos sentidos. A cidade não está fora do homem, ela está nele, ela impregna seu olhar, sua audição e seus outros sentidos, ele se apropria dela de acordo com os locais e momentos do dia e age em relação a ela segundo os significados que ele lhes confere. Neste sentido, existem mil cidades na mesma cidade, de acordo com as apropriações individuais e as linhas de canto que guiam uns e outros.
- 7 Na vida cotidiana, as percepções não se somam, estamos imersos na experiência sensível do mundo (Le Breton, 2006: 2017). A todo instante, a existência exige tanto a multiplicidade quanto a unidade dos sentidos. As percepções sensoriais impregnam claramente o indivíduo. Assim, Nicolas Bouvier passeia nas margens do Sava, em Belgrado, “No cais, dois homens estavam limpando enormes tonéis que empestevam a enxofre e a borra. O cheiro de melão não é, claro, o único que se respira em Belgrado. Há outros também preocupantes: cheiro de óleo pesado e de sabão negro, cheiros de repolho, cheiro de merda. Era inevitável; a cidade era como uma ferida que deve escorrer e feder para sarar, e seu sangue robusto parecia capaz de cicatrizar qualquer coisa. O que ela já podia dar contava mais do que aquilo que ainda lhe faltava. Se lá eu não cheguei a escrever grande coisa, foi porque ser feliz tomava todo meu tempo” (Bouvier, 1992: 44). Descrição exemplar, os sentidos só podem ser isolados para serem examinados uns após os outros, mediante uma operação de desmontagem e abstração. Ninguém é um naturalista que mobiliza um sentido após o outro em sua experiência do mundo para melhor analisá-lo, a relação com o meio ambiente é da ordem da imersão. Nossas experiências sensoriais são os afluentes que desaguam no mesmo rio, que é a sensibilidade de um indivíduo singular que nunca descansa, sempre solicitado pelos movimentos do mundo ao seu redor. Os sentidos se corrigem, se revezam, se misturam, remetem a uma memória, uma experiência que se apodera da pessoa inteira para dar consistência a seu ambiente. Os estímulos se misturam e respondem uns aos outros, ricocheteiam se influenciando mutuamente em uma corrente sem fim. O inconsciente da linguagem lembra, sobre o olfato: cheirar<sup>4</sup> vem do latim *sentire*, que significa o ato geral de perceber, mas que traduz também o ato de vivenciar fisicamente e de sentir olfativamente, a mesma palavra dando origem à palavra francesa *scent* (odor).

## A cidade pelo corpo

- 8 Cada cidadão tem seus espaços e rotas favoritas, aperfeiçoadas no curso de suas atividades, que ele toma de maneira inequívoca ou que varia segundo seu humor do momento, o clima, seu desejo de se apressar ou de flunar, as compras a serem feitas durante o percurso, etc. Ao seu redor, se desenha uma miríade de caminhos ligados a sua experiência cotidiana da cidade, do bairro em que trabalha, seus cafés ou seus restaurantes, dos serviços públicos, das bibliotecas que ele frequenta, aqueles caminhos onde vivem seus amigos, aqueles que ele conheceu em sua infância ou em diferentes épocas de sua vida. Tem também suas zonas sombrias: os lugares onde nunca vai pois

não estão associados a nenhuma atividade, a nenhum incentivo, a não ser que às vezes os atravesse de carro, mas sem a curiosidade de parar lá, ou ainda os lugares que lhe dão medo por suas conformações. Na caminhada urbana não se trata mais de buscar a liberdade correndo pelos campos<sup>5</sup>, mas sim pelas ruas, se deixando levar ao longo das calçadas.

- 9 Os sentidos não são tão solicitados na cidade quanto em outros lugares. A sensorialidade urbana valoriza a visão. O transeunte é solicitado permanentemente pelo espetáculo da cidade (animações, vitrines, circulação de veículos ou de pedestres, incidentes, etc). O olhar, sentido da distância, da representação, até mesmo da vigilância, é o vetor essencial pelo qual o cidadão se apropria do espaço que o entorno (Le Breton, 2006: 2017). A cidade coloca os transeuntes em posição de se olharem. Ela mostra constantemente uma floresta de rostos. A perambulação urbana implica cruzar e ver permanentemente os outros ao seu redor, nunca estar em posição de evitar os seus olhares. A visibilidade mútua controla a fluidez dos percursos, orienta favoravelmente as trajetórias evitando, em princípio, as colisões e os empurrões. O tato é um sentido esquecido pelo caminhante urbano. Alhures, ele apanha uma pedra ou um galho do caminho, junta um seixo a um marco de pedra, colhe mirtilos, acaricia uma flor ou mergulha as mãos num riacho, mas na cidade os contatos são mais raros e menos sensuais, mesmo se alguns, em locais privilegiados, gostem de “tomar o pulso dos materiais, sentir o calor ou a frieza de uma vidraça, ouvir a respiração de uma árvore com a ponta dos dedos, adquirir o sentimento da solidariedade pelo edificado, como que para se assegurar da realidade da cidade, da naturalidade deste artifício supremo, de certa forma” (Paquot, 2006: 67). No entanto, o caminhar confronta o calor, o frio, o vento, a chuva, a cidade manifesta na pele uma taticidade mutável de acordo com os momentos do dia e as estações, mas também segundo o estado físico do indivíduo cansado, febril, estimulado pelo sol ou pela chuva forte. A audição, exceto em alguns locais preservados, dificilmente é imune ao burburinho do tráfego rodoviário ou da música das galerias comerciais (Le Breton, 2016). Na cidade, há numerosos “não-lugares” em termos de sociabilidade e de sensorialidade, espaços desodorizados, asseptizados, abandonados pelos pedestres: zonas residenciais ou de grandes edifícios.
- 10 Bachelard fala da cidade como um “mar barulhento” (1981: 43). O homem que caminha pela cidade se banha em uma sonoridade frequentemente vivenciada como um aborrecimento. O barulho é um som ao qual é atribuído valor negativo, uma agressão ao silêncio ou a uma acústica mais moderada. Causa desconforto aquele que o sofre, na forma de um entrave a seu sentimento de liberdade, se sentindo agredido por manifestações que não controla e que lhe são impostas, que lhe impedem de desfrutar pacificamente de seu espaço. Reflete uma interferência dolorosa entre o mundo e si mesmo, uma distorção da comunicação na qual os significados se perdem e são substituídos por informações parasitas que causam desconforto ou irritação. A sensação de ruído aparece quando o som ambiente perde sua dimensão de sentido e se impõe na forma de uma agressão que deixa o indivíduo indefeso (Le Breton, 2017). Certos bairros, certas ruas proporcionam assim atmosferas sonoras contrastantes.

## Desodorizar a cidade: um lembrete

- 11 Por muito tempo, os odores que impregnam as casas ou as ruas não incomodam muito quem ali mora. Emanações desagradáveis são às vezes indicadas, como as de fezes ou

urina, por exemplo, mas a moralização dos odores cotidianos não está na pauta do dia. Para Elias, os grupos sociais privilegiados apenas começaram a se incomodar com os odores de certos locais no final do século XVII. Entre os séculos XVIII e XIX, a sensibilidade olfativa muda, a sensação de fedor da cidade começa a aparecer e se torna insuportável, é associada a miasmas malignos para a saúde e motiva uma mobilização de cientistas para estudá-la e vencê-la. A. Corbin reconstituiu os episódios desta “hiperestesia” que modifica profundamente a sensibilidade olfativa de nossas sociedades e inicia um processo que não parou de se fortalecer. A corrupção do ar causa preocupação, traz a ameaça do contágio e o mau cheiro se torna insuportável: vapores subindo de pântanos ou da lama, coexistência com animais até na cidade, cheiro dos cadáveres emanando de cemitérios superlotados, esterco, lixo deixado nas ruas ou amontoado nos subúrbios, esgoto correndo em frente às casas, carcaças de animais em decomposição, córregos ou rios transformados em infames fossas que emitem fermentação e putrefação, igrejas onde o incenso se mistura aos odores dos corpos decompostos em suas tumbas subterrâneas. Infecções de prisões, de hospitais, de muitas indústrias onde mil cheiros pútridos se combinam. Fezes e urina estão por toda parte numa época em que as latrinas são raras e muitas ruas não têm esgoto. O lixo também é jogado lá. Por um século, os químicos se esforçam para desodorizar as fezes (Corbin, 1982: 145). Os limpadores de fossas empesteiavam as ruas. A. Corbin descreve a privatização gradual das matérias corporais e o saneamento das cidades e dos edifícios.

- 12 Os períodos de calor são intoleráveis, causando uma atmosfera insalubre e um odor nauseabundo e estagnado, do qual ninguém escapa. A cidade assusta repentinamente os higienistas que pretendem reformá-la. P. Camporesi relata situação semelhante na península (1995). A atenção ao pútrido, ao mefítico e aos miasmas mobiliza, daí em diante, os higienistas que, entre 1760 e 1840, segundo A. Corbin, ascendem à categoria de heróis em luta contra as repugnâncias. E o olfato desempenha um papel essencial na definição do saudável e do não saudável até as descobertas de Pasteur, que dispensam os miasmas e remetem os maus cheiros apenas ao desconforto, e não mais ao temor da doença. De forma exemplar, G.Heller encontrou em Lausanne a propaganda da limpeza e da higiene realizada na virada do século pela “burguesia de bem”, dirigida aos meios populares. Não se tratava apenas de ser “limpo”, mas também de ser “puro”, de atingir a dimensão moral da limpeza. “Garantia de saúde física, ela também é garantia de saúde moral. O asseio corporal leva ao asseio da alma (...) A limpeza é guardiã da saúde, salvaguarda da moralidade, fundamento de toda beleza” (in Heller, 1979: 221).
- 13 A saúde e a prevenção das doenças são os álibis de uma outra busca, a de afastar a ameaça das classes trabalhadoras, trazendo-as para a ordem moral, visual e olfativa. A desodorização e limpeza dos meios populares é uma tentativa simbólica de enquadrá-la, uma moralização pela higiene. Claro, estas populações pagam um alto preço à doença em razão de suas condições de vida, vivem em bairros degradados que são focos de infecção. A política higiênica é um duplo combate: se ela se dedica a neutralizar a sujeira, os maus odores, a insalubridade, a construir infraestruturas mais adaptadas à vida comum, ela visa simultaneamente a reduzir, a suprimir uma zona social de caos (a seus olhos) em nome do progresso. A limpeza é, então, erigida na forma de salvação social, ela fornece uma garantia de pureza, de ordenação tranquila na estrutura do sentido. *Cleanliness is next to godliness*<sup>6</sup> (a limpeza é próxima da santidade), diz o puritanismo anglo-saxão.

## Cidades d'alhures

- 14 Andar pelas cidades asiáticas, eu penso sobretudo na Índia, nos confronta a uma formidável desordem, com as calçadas muitas vezes inexistentes ou tomadas por multidões de veículos ou comerciantes, a não ser que uma barraca as aproveite para expor seus produtos. Além das motocicletas, caminhões, ônibus, riquixás, bicicletas, mobiletes, carroças puxadas por búfalos, cavalos ou camelos, etc., as ruas são também invadidas por vacas, zebus, búfalos, cabras, cães, galinhas, etc., cujos excrementos às vezes se espalham pelo espaço e pela sordidez da multidão sobre as calçadas. Extraordinária colagem que costuma se resolver em favor, frequentemente, dos animais, especialmente das vacas que, mesmo nos grandes bulevares, onde às vezes se deitam para descansar, impõem respeito. O lixo é frequentemente deixado nas calçadas ou à beira das estradas. Para um ocidental, o espetáculo está por toda parte. O olfato é também estimulado, mas de forma contraditória dependendo da localização: cheiro de pimentas, de frutas, de incontáveis flores, mas também de escapamentos, fumaça de pneus queimados, numerosos depósitos de lixo. Algumas ruas de Madras, de Bombaim, de Katmandu, etc. são, por causa dos engarrafamentos, dos odores e da fumaça de diesel ou gasolina, a tal ponto irrespiráveis que seus habitantes começaram, recentemente, a andar com lenços ou máscaras sobre o nariz para escapar da poluição que o calor torna ainda mais insuportável. Mas há também, nos locais mais tranquilos, as fragrâncias do incenso que queima por praticamente todo lado, especialmente sobre os altares das calçadas ou nos templos próximos a elas, os cheiros dos pratos de comida de rua, ou as emanações dos materiais e ferramentas utilizadas por artesãos em oficinas abertas, etc. Nenhum destes cheiros é percebido como fedorento, um odor é, antes de mais nada, sentido e, aqui, infinitamente variado em suas declinações, mas se refere à evidência do mundo, não a uma moral (Le Breton, 2006: 2017). “Todos estes fluxos cheirosos traçam na cidade uma cartografia em movimento e inesgotável, com notas de cheiros poderosos, frágeis e efêmeros, ainda não inscritos em nenhum mapa geográfico. Estes cheiros são constantemente enriquecidos pela percepção que temos deles, contrariada por fatores naturais e incontroláveis: ventos fortes, brisa marinha, níveis de umidade e, finalmente, amplificada pela demora na remoção do lixo” (Dulau, 1998).

## Odores urbanos

- 15 Contrariamente a outras sociedades que desenvolveram de forma significativa a arte dos odores e cujas ruas são repletas de exalações de todo tipo, as sociedades ocidentais não valorizam o olfato. São aquilo do qual não falamos, a não ser para estabelecer convivência sobre um fedor. São menos uma estética que uma estesia, agem frequentemente fora da esfera consciente do homem, orientando seus comportamentos sem ele saber. As exalações de um lugar revelam sua dimensão moral, o clima emocional que o envolve. Dão vontade de se estabelecer definitivamente ou de fugir, incitam ao abandono ou à desconfiança, induzem ansiedade ou relaxamento. O cheiro é um marcador de atmosfera, uma indução do ambiente, é um envoltório de sentido que direciona a tonalidade afetiva do momento. Mais que os outros sentidos, o olfato sublinha uma tonalidade particular de relação com o mundo. Sem local preciso, volátil, atmosfera que se espalha por uma zona simultaneamente localizada e indeterminada, o odor é difuso no espaço, ele impregna os objetos, os revela, mas não está preso às coisas

como o gosto, ou à superfície delas como a cor, ele é um envoltório sutil, flutuando no espaço, penetrando no indivíduo sem que ele possa se defender. Identificar sua fonte exige girar em torno de si, procurá-la sem ter certeza, pois ele transborda de sua origem. Invade quem o sente, para o melhor ou para o pior. Ele determina a atmosfera afetiva de um lugar ou de um encontro, pois encarna uma moralidade aérea, potente em seus efeitos, mesmo se está sempre misturado à imaginação e é, sobretudo, revelador da psicologia do homem que sente cheiro. Nunca é o odor que cheira, mas o significado que é nele investido.

- 16 Dependendo da localização da cidade, dos bairros, das ruas, odores desconexos acompanham o caminhante. As classes populares eram conhecidas por emitirem odores desagradáveis. Até algumas décadas atrás, as cidades tinham bairros dominados por atividades que despertavam emanações olfativas específicas: áreas de mercado, feiras, quarteirões de curtumes ou tintureiros, etc. A passagem de um distrito a outro marcava uma sutil fronteira olfativa. Agora, as transições são menos sensíveis, os cheiros são mais nômades que locais, flutuam por algumas dezenas de metros quando estão presentes. As vendinhas deixam sua assinatura olfativa nos arredores de acordo com a hora do dia: cheiro de carneiro grelhado, de linguiça, de peixe, cheiros açucarados de brioche, de *pâtisseries*, eflúvios de pão transbordando do forno, etc. Às vezes, são pratos cozidos lentamente no fogo que difundem seu convite além das janelas abertas e mergulham o transeunte num devaneio culinário, cheiro de especiarias, de molhos, cheiros de festa. Fazem lamentar que o homem não saiba se alimentar olfativamente como os deuses, pois estes festins seriam então desmedidos e disponíveis à embriaguez do primeiro que chegasse, qualquer que fosse sua fortuna. Mas certos cheiros são artificiais e difundem seus aromas em torno de uma loja através de uma difusão química eficaz, mas que não antecipa em nada o sabor dos produtos. O maravilhoso sabor de pão exalado às vezes não tem nada a ver com o pão que o cliente compra.
- 17 Ao longo das calçadas, são as exalações perfumadas dos transeuntes, os cheiros de sabonetes ou das loções mais comuns e menos propensas a despertar a imaginação. Mas os homens não dispõem, a princípio, das qualidades olfativas absolutas de um *Grenouille*, personagem de Süskind, para expor intransigentemente cada pedestre, fazendo do cheiro íntimo de cada um a parte sensível da alma. Aromas sazonais de árvores, de flores, de folhas, de frutas, cheiro da terra depois da chuva, de esgotos muito cheios, cheiro de terra ressecada. A cidade possui, portanto, suas magras reservas de natureza, jardins públicos bem estabelecidos e regulamentados, além dos locais odoríferos de acordo com as estações e as árvores ou flores que oferecem.
- 18 Cheiros mais comuns surgem dos escapamentos dos carros e motos. Por vezes, são as emanações um tanto desagradáveis das fábricas próximas, aquelas penetrantes de um curtume ou de uma empresa de processamento de produtos químicos. Alguns locais não escapam às emanações olfativas que, trazidas de longe pelo vento ou por sua volatilidade, vêm de abatedouros, de matadouros ou de produtos químicos, por vezes muito distantes. Certos cheiros se fazem sentir mesmo a dezenas de quilômetros de sua origem. Mas, às vezes, o cheiro é uma assinatura da produção local, como, por exemplo, quando as cervejarias ainda estavam ativas, Schiltigheim, na Alsácia, se impregnava de um leve cheiro de lúpulo que se tornou cada vez mais raro ao longo dos anos, antes de desaparecer com o sucessivo fechamento das cervejarias. Cada cidade fornece sua história e sua geografia olfativa.

---

## BIBLIOGRAFIA

- BACHELARD, Gaston. **La poétique de l'espace**. Paris: PUF, 1981.
- BAUDELAIRE, Charles. **Le peintre de la vie moderne**. Paris, Mille et une nuit, 2010.
- BENJAMIN, Walter. **Sens unique**. Paris : Lettres Nouvelles, 1979.
- BOUVIER, N. **L'Usage du monde**, Paris : Payot, 1992.
- DULAU, R. Exploration du champ du senti à Pondichery, R. Dulau, J-R. Pitte, **Géographie des odeurs**. Paris : L'Harmattan, 1998.
- CORBIN, A., **Le miasme et la jonquille**. L'odorat et l'imaginaire social, XVIII-XIXe siècles. Paris: Aubier, 1982.
- HELLER, G. « **Propre en ordre** ». Habitation et vie domestique 1850-1930, l'exemple vaudois. Lausanne : Editions d'En Bas, 1979.
- KRACAUER. **Rues de Berlin et d'ailleurs**, Paris: Gallimard, 1995.
- LE BRETON, David. **Sensing the World**. An Anthropology of the Senses. London: Bloomsbury, 2017.
- LE BRETON, David. **Du silence**. Paris : Métailié, 2016.
- LE BRETON, David. **La saveur du monde**. Une anthropologie des sens. Paris : Métailié, 2006.
- MUIR, J. **Quinze cents kilomètres à pied à travers l'Amérique**. Paris: José Corti, 2006.
- PAQUOT, T. **Des corps urbains**. Sensibilités entre béton et bitume. Paris : Autrement, 2006.
- SANSOT, P. **Chemins aux vents**. Paris : Payot, 2000.
- SANSOT P. **Poétique de la ville**. Paris : Armand Colin, 1996.

## NOTAS

1. Este texto foi apresentado por David Le Breton na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (FAU) da Universidade de São Paulo (USP) no dia 16 de setembro de 2020, junto à programação e às palestras abertas FAU Encontros, por iniciativa da Profa. Dra. Ana Lanna, tendo contado na ocasião com a participação do Prof. Dr. José Lira (FAU-USP), como moderador, e Profa. Dra. Silvana Nascimento (FFLCH-USP) como debatedora. A gravação do evento está disponível no link <https://youtu.be/hmLeXhqyngc>. A equipe editorial da Ponto.Urbe agradece aos professores Ana Lanna e José Lira pela parceria e ao autor pela autorização da tradução. Le Breton é autor de numerosas obras no campo da antropologia do corpo. Obras traduzidas para o português no Brasil: Rostos. Ensaios de antropologia (Vozes); Desaparecer de si (Vozes); Antropologia dos sentidos (Vozes); Antropologia da dor (FAP-Unisep); Uma breve história da adolescência (PUC-Minas); Antropologia do corpo (Vozes); Conduas de risco. Dos jogos de morte ao jogo de viver (Autores associados) ; As paixões ordinárias. Antropologia das emoções (Vozes) ; A sociologia do corpo (Vozes) ; Adeus ao corpo. Antropologia e sociedade (Papirus).
2. N.T : No original, "*lignes personnelles de chant*". Esta é, segundo o autor, uma metáfora que remete às "*songlines*" dos aborígenes australianos, descritas por Bruce Chatwin. Cf. CHATWIN, B. *The songlines*. New York, Viking, 1987.

3. N.T.: No original “*Il n’y a plus de prés à Saint Germain des Prés*”. Saint Germain des Prés é um bairro formado em torno da abadia de mesmo nome, fundada no século VI, fora dos limites (então murados) de Paris e na borda dos prados que a rodeavam, de onde seu nome. Foi posteriormente englobado pela cidade, fazendo parte de sua região central (6<sup>e</sup> *Arrondissement*). Após a II Guerra Mundial, foi reduto da intelectualidade parisiense, que frequentava seus inúmeros cafés e livrarias. Hoje, predominam butiques e galerias de arte. Obviamente, não há mais prados ali. Uma tradução aproximada para o Brasil poderia ser: “Não há mais campos em São José dos Campos”.

4. N.T.: Em francês, “*sentir*”.

5. N.T.: No original “*prendre la clé des champs*”. A expressão remonta à Idade Média e designava os campos como grandes espaços de liberdade, de fuga do controle social. Significa, portanto, empreender fuga, livrar-se das restrições e das amarras da vida urbana.

6. N.T.: Em inglês, no original. A frase é de John Wesley.

---

## AUTORES

### DAVID LE BRETON

Professor de sociologia na Universidade de Estrasburgo. Membro do Instituto Universitário da França e do Instituto dos Estudos Avançados de Estrasburgo (USIAS).